

Revistas da Monarquia e I República: uma contribuição para a história da imprensa em Portugal

*Magazines of the Monarchy
and The First Republic: A contribution to the
history of the Portuguese press*

Jorge Pedro Sousa

Universidade Fernando Pessoa e ICNOVA
jpsousa@ufp.edu.pt
ORCID ID: [0000-0003-0814-6779](https://orcid.org/0000-0003-0814-6779)

Celiana Azevedo

Universidade Nova de Lisboa e ICNOVA
celianaazevedo@fcsh.unl.pt
ORCID ID: [0000-0002-1768-2525](https://orcid.org/0000-0002-1768-2525)

Resumo: Como parte do projeto “Para uma História do Jornalismo em Portugal”, financiado pela FCT, este artigo apresenta uma história cronológica e narrativa das revistas de informação geral surgidas em Portugal durante a Monarquia e a I República. Sendo uma temática ainda sub-representada nos estudos de jornalismo, o objetivo deste artigo é contribuir para um maior entendimento deste campo de pesquisa, mais especificamente, das revistas em Portugal. Para isso, realizamos uma análise qualitativa recorrendo a arquivos e discutimos como estas publicações evoluíram ao longo do tempo e como a contextualização histórica e social da época influenciaram estas transformações. Entre as primeiras revistas ilustradas portuguesas de informação geral a orientarem-se mais relevantemente para a cobertura da atualidade no final da Monarquia destacam-se a revista *O Ocidente* (1878-1915), a *Ilustração Universal: Revista dos Principais Acontecimentos de Portugal e do Estrangeiro* (1884-1885), a *Branco e Negro* (1896-1898), a *Brasil-Portugal* (1899-1914) e a *Ilustração Portuguesa* (1903-1924) [segunda revista que apareceu com este título em Portugal]. Durante a I República surgiram a *ABC — Revista Portuguesa* (1920-1931), *O Domingo Ilustrado* (1925-1927) e a *Ilustração* (1926-1939). Esse período foi fértil em agitação social e a instabilidade política e as tentativas, por meios legais, mas também por atos violentos, de controlo da imprensa e a crise económica agravada pela I e II Guerra Mundial. Toda essa conjuntura refletiu-se na imprensa, setor sempre sensível à necessidade humana de expressão da opinião e das ideias, particularmente nas sociedades livres.

Palavras-chave: revistas; informação geral; monarquia; I república; Portugal.

Abstract: *As part of the project “Para uma História do Jornalismo em Portugal”, funded by FCT, this article presents a chronological and narrative history of general information magazines arising in Portugal during the Monarchy and the First Republic. Being a theme still underrepresented in journalism studies, the objective of this article is to contribute to a greater understanding of this field of research, more specifically, magazines in Portugal. For this, we performed a qualitative analysis using archives and discussed how these publications evolved over time and how the historical and social contextualization of the time influenced these transformations. Among the first illustrated Portuguese magazines of general information the most relevant were O Ocidente (1878-1915), the Ilustração Universal: Revista dos Principais Acontecimentos de Portugal e do Estrangeiro (1884-1885), the Branco e Negro (1896-1898), the Brasil-Portugal (1899-1914) and the Ilustração Portuguesa (1903-1924) [second magazine that appeared with this title in Portugal]. During the First Republic emerged the ABC — Revista Portuguesa (1920-1931), O Domingo Ilustrado (1925-1927) and Ilustração (1926-1939). This period was fertile in social unrest and political instability and attempts, by legal means, but also by violent acts, of press control and the economic crisis aggravated by World War I and II. This whole situation was reflected in the press, a sector always sensitive to the human need for expression of opinion and ideas, particularly in free societies.*

Keywords: *magazines; general information; monarchy; I republic; Portugal.*

Introdução

Foi no final do século XIX, ainda durante a Monarquia, que, em Portugal, se foi consolidando, gradualmente, um modelo de revista que já pode, com propriedade, considerar-se como sendo de *informação geral* sobre a atualidade. Essas revistas cobriam, por meio de textos verbais e textos visuais, uma vasta gama de assuntos atuais interessantes e relevantes, à luz de quaisquer critérios de noticiabilidade. Mas nenhuma delas descurou a componente cultural e literária e de entretenimento que, herdada das gerações de revistas anteriores, corresponderia às expectativas dos leitores da época.

As revistas de informação geral que surgiram a partir do final do século XIX foram

importantíssimas para a afirmação dos dispositivos visuais informativos na imprensa, designadamente da fotografia. Na verdade, a partir da derradeira década do século XIX, faz até menos sentido falar-se de *revistas ilustradas*, porque a *ilustração*, nomeadamente a fotografia, já fazia parte dos dispositivos informativos rotineiros nas revistas. Ou seja, se as revistas usavam já, habitualmente, imagens e palavras para informar, fazendo a imagem parte dos recursos informativos identitários da imprensa, enfatizar-se que uma revista de informação geral era *ilustrada* não tem sentido, a menos que seja para vincar uma característica concreta. Efetivamente, ao tempo, as revistas de informação geral eram, por norma, ilustradas. No entanto, como algumas delas — à época e alguns anos mais tarde — investiram na fotografia e, especificamente, no fotojornalismo, tornando este investimento em marca distintiva, usou-se o vocábulo (na designação *revistas ilustradas de informação geral*), ainda que admitindo uma certa redundância conceptual.

Entre as primeiras revistas ilustradas portuguesas de informação geral a orientarem-se mais relevantemente para a cobertura da atualidade no final da Monarquia destacam-se a revista *O Ocidente* (1878-1915), a *Ilustração Universal: Revista dos Principais Acontecimentos de Portugal e do Estrangeiro* (1884-1885), a *Branco e Negro* (1896-1898), a *Brasil-Portugal* (1899-1914) e a *Ilustração Portuguesa* (1903-1924, segunda revista que apareceu com este título em Portugal).

Durante a I República, surgiram a *ABC — Revista Portuguesa* (1920-1931), *O Domingo Ilustrado* (1925-1927) e a *Ilustração* (1926-1939).

Enquanto na Monarquia as revistas se sucederam quase em catadupa, na I República isso não aconteceu. Na verdade, considerando este segmento da imprensa, somente a *ABC*, a *Ilustração* e, particularmente, a *Ilustração Portuguesa* foram relevantes nesse período.

Várias razões poderão ser aduzidas para explicar a raridade da fundação de novas revistas durante a I República. Por um lado, a estrutura do mercado dos *media* tinha mudado. O grande público tinha-se habituado a revistas cada vez mais sofisticadas, em sintonia com o seu tempo, com um perfil editorial diversificado, ainda que centrado na informação, graficamente apelativas, nas quais a informação visual fosse prioritária. As revistas de informação geral, na I República, exigiam, pois, uma infraestrutura produtiva mais pesada e investimentos mais substanciais em recursos financeiros, técnicos e humanos do que as revistas surgidas no tempo da Monarquia.

Por outro lado, a instabilidade política da I República, as tentativas — por meios legais, mas também por atos violentos — de controlo da imprensa e a crise económica, agravada pela I Guerra Mundial (1914-1918), conflito no qual Portugal se viu indiretamente envolvido, em África e no Atlântico, logo que deflagrou, e diretamente envolvido a partir de 1916, geraram um ambiente pouco propício ao investimento em novos projetos mediáticos.

Toda essa conjuntura refletiu-se na imprensa, setor sempre sensível à necessidade humana de expressão da opinião e das ideias, particularmente nas sociedades livres.

Monarquia

O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro

A primeira revista portuguesa que poderá ser considerada uma revista ilustrada de informação geral é *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*. Embora o seu foco inicial tenha sido a cultura, a promoção geral do conhecimento e o entretenimento, com o tempo, quer por força da concorrência da *Ilustração Universal*, *Branco e Negro*, *Brasil-Portugal* e, principalmente, da *Ilustração Portuguesa*, quer para corresponder à intensificação do interesse do público pela atualidade, foi-se tornando numa revista que já poderá ser apelidada como revista de informação geral.

A revista *O Ocidente* surgiu em Lisboa, no dia 1 de janeiro de 1878, por iniciativa de um antigo gravador do *Arquivo Pitoresco*, Caetano Alberto da Silva, proprietário de uma oficina de xilogravura, que forneceu o capital; do pintor, cenógrafo e conservador de museus Manuel de Macedo (de seu nome completo Manuel Maria de Macedo Pereira Coutinho Vasques da Cunha Portugal e Menezes), que se encarregou, com Caetano Alberto, da direção artística do novo periódico; do jornalista e poeta Guilherme Avelino Chaves de Azevedo, o cronista de serviço nos primeiros anos da revista *Ocidente*, responsável pela rubrica “Crónica Ocidental”;

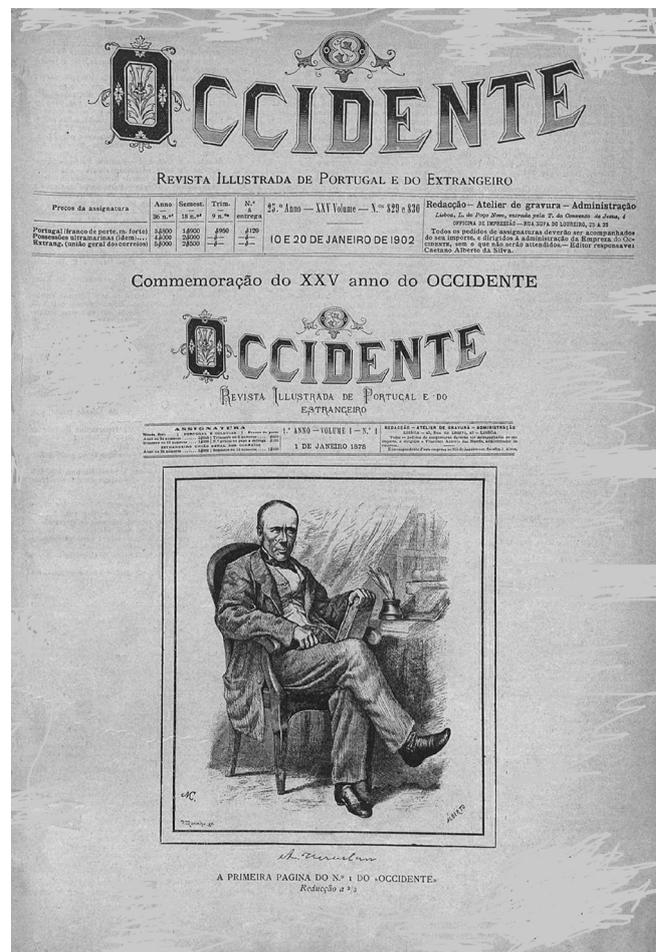


Figura 1
Capa do número do 25.º aniversário da revista *Ocidente*, reproduzindo a capa do primeiro número, datado de 1 de janeiro de 1878.
Fonte: Reprodução do original

e por Jacinto Inácio de Brito Rebelo, um engenheiro militar e “jornalista por ocupação” que, na qualidade de redator principal do novo periódico, terá tido a seu cargo a coordenação e edição da componente escrita d’*O Ocidente*. A administração foi confiada a Francisco António das Mercês. O tipógrafo Adolfo Lallemand, da tipografia Lallemand Frères, foi um dos responsáveis pela alta qualidade de impressão das gravuras nas páginas da publicação.

A revista foi quinzenal, entre 1878 e 1880, e trimensal, entre 1881 e 1915. A assinatura anual custava, inicialmente, 2600 réis e o número avulso 120 réis. Cada número tinha, inicialmente, oito páginas, paginadas a duas colunas, passando, depois, a 12 páginas, paginadas a três colunas, e regressando às oito páginas. Teve correspondentes no Rio de Janeiro, Paris e Madrid, entre outras localidades estrangeiras, e colaboradores espalhados por todo o território nacional.

No número prospecto de *O Ocidente*, não datado (será, todavia, do final de 1877), impresso no mesmo papel que a revista iria usar, os responsáveis pela revista apresentaram ao público o que queriam da nova publicação:

(...) uma publicação ilustrada que exprima (...) o estado da arte em Portugal e seja exclusivamente nossa; que caracterize o espírito público nacional e corresponda à necessidade que têm hoje todos os povos de afirmar a sua individualidade moral e o seu modo de ser no concerto da civilização (...), um dever (...) de interesse público. (...) *O Ocidente* servirá a ideia civilizadora de trazer para a evidência da luz a vida nacional que palpita no mundo obscuro do esquecimento público (...). *O Ocidente* reproduzirá pela gravura os quadros e as estátuas mais notáveis (...). A escrita completará o desenho (...) e se a nossa publicação não pode nem pretende rivalizar em magnificência com as publicações estrangeiras do mesmo género, deseja, todavia, ser portuguesa pelas forças que a hão de produzir (...) (*O Ocidente*, número prospecto, 1877 (?), p. 1).

Desde o início, a revista praticou um modelo que cruzava a informação com o entretenimento e mesmo com a crítica — mas apartidária. Efetivamente, em várias ocasiões *O Ocidente* proclamou o seu apartidarismo. Nascida, num país que ainda possuía cerca de 80% de analfabetos, para satisfazer necessidades e interesses de âmbito cultural e formativo de elites letradas e urbanas e das suas famílias, a revista *O Ocidente* era pontuada pela variedade, sendo comum a compaginação de textos literários, incluindo folhetins; notícias e artigos sobre temas variados, incluindo bastantes matérias sobre moda, teatro, conferências, exposições, congressos e outros espaços frequentados pelas elites e conotados com a ideia de diálogo, abertura e progresso, literatura, ciência, tecnologia, história, economia, filosofia, sociedade, educação, relações internacionais e política nacional; e ainda charadas, anedotas e curiosidades, incluindo alguns enigmas pitorescos.

Colaboraram com a revista *O Ocidente* muitos dos vultos masculinos da literatura, do jornalismo e da política do final do século XIX e princípio do século XX, de diversos quadrantes e diferentes percursos, como Ramalho Ortigão, Antero de Quental, Pinheiro Chagas, António

Ennes, Guerra Junqueiro. *O Ocidente* foi, pela sua longevidade e consistência (mas menos pela sua tiragem), a primeira publicação a revolucionar o setor das revistas ilustradas em Portugal, no final do século XIX. Por um lado, as suas páginas testemunham a passagem da gravura de madeira (xilogravura) à gravura fotomecânica (fotografia diretamente reproduzida) em Portugal. Por outro lado, foi na revista *O Ocidente* que a iconografia de reportagem assentou arraiais em definitivo, nos primeiros tempos apenas sob a forma de ilustração, depois também em fotografia. A iconografia de acontecimentos atuais juntou-se à iconografia de retrato e à iconografia geográfica, já comuns, para enriquecer a informação visual ofertada pela publicação.

Uma das causas que levou ao desaparecimento d'*O Ocidente* em 1915 terá sido uma certa incompreensão por parte da estrutura dirigente da revista dos ditames dos novos tempos assim como a relativa falta de atenção à atualidade e à fotorreportagem terá, pois, contribuído para o declínio e para a morte da revista *O Ocidente* — que, aliás, nunca foi e, eventualmente, nunca quis ser, uma revista popular.

Depois da *Ocidente*, a primeira revista de informação geral que merece destaque é a *Ilustração Universal*.

Ilustração Universal

A *Ilustração Universal* surgiu no mercado no sábado, 9 de fevereiro de 1884, e foi publicada semanalmente até 7 de março de 1885. Prometia ser, como outras revistas semelhantes, ilustrada e universal. Ou seja, prometia contribuir para a ilustração dos cidadãos que a lessem, usando as gravuras como elemento central (o termo “ilustração” era propositadamente usado com ambivalência de significado), e prometia dar ao leitor o “universo” condensado em oito páginas semanais, com uma dimensão de cerca de 873 cm², correspondendo a cerca de 27,7 cm de largura e 31,5 cm de altura — uma revista de grande formato, portanto, feita para ser colecionada, como outras, já que a numeração das páginas acompanha os números sucessivos. Levava por subtítulo *Revista dos Principais Acontecimentos de Portugal e do Estrangeiro*. A sua ambição era, pois, ser uma revista ilustrada de atualidades, que, à semelhança de exemplos estrangeiros (é significativa a ausência de referências a exemplos nacionais, como *O Ocidente*), se debruçasse sobre os acontecimentos coevos.

O design da *Ilustração Universal*, similarmente a outras revistas da mesma época, ancorou-se na paginação a três colunas, ocasionalmente reduzidas a duas. Os promotores da *Ilustração Universal* foram A. de Sousa Pinto, diretor-gerente da publicação; e Abílio Lobo e A. de Amorim Pessoa, diretores literários. Ao contrário do habitual, a revista não exibiu no primeiro número o seu programa editorial, que teria publicado prévia e autonomamente, já que, no artigo inicial (ano I, n.º 1, p. 1), dedicado ao proprietário e fotógrafo Carlos Relvas, se alude a esse documento.



Figura 2
 Capa do primeiro número da revista *Ilustração Universal*.
 Fonte: reprodução do original

O primeiro número da *Ilustração Universal* revela a ambição informativa e noticiosa da revista, que concorria diretamente com *O Ocidente* e com a primeira revista intitulada *Ilustração Portuguesa*.

Além de uma minibiografia laudatória do proprietário Carlos Relvas, um dos introdutores mais entusiastas da fotografia em Portugal, que começa logo na primeira página, encontram-se na revista os seguintes temas: uma notícia sobre a construção de um novo troço de caminho-de-ferro na Áustria; um poema; uma notícia sobre uma exposição de obras de Manet; um artigo de fundo sobre a reforma da Carta Constitucional; um texto sobre os monumentos nacionais, “história petrificada de um povo”; um texto sobre a basílica da Estrela; uma notícia sobre a exposição internacional de Nice; um artigo sobre a receção de um embaixador francês na corte imperial do Vietname, país que, nesta altura, estava já em acelerado processo de colonização pelos franceses; um texto sobre tauromaquia; notícias dos teatros lisboetas; uma crítica

aos gastos da Câmara Municipal de Lisboa e à falta de infraestruturas na capital, entre outras notícias de Lisboa; notícias financeiras (mais uma vez, interessariam, principalmente, à elite para quem a revista era direcionada); e uma rúbrica de entretenimento.

Branco e Negro: Semanário Ilustrado

Numa sequência cronológica, a revista seguinte a merecer destaque é a *Branco e Negro: Semanário Ilustrado*. Foi colocada no mercado a 5 de abril de 1896, sob a chancela da Livraria António Maria Pereira, durando até 27 de março de 1898. Cada número tinha 16 páginas, com cerca de 20 x 29cm. O design era moderno e arejado, podendo assentar em três, duas ou apenas em uma coluna.

A *Branco e Negro* beneficiou da experiência anterior que o editor e livreiro António Maria Pereira e o médico Mariano Lever, seus promotores, adquiriram com a *Revista Ilustrada*. Os promotores da nova publicação ter-se-ão, também, baseado no modelo da revista homónima espanhola *Blanco y Negro*.

A *Branco e Negro* diferenciou-se no panorama editorial português por ser uma revista que já aponta para o modelo de *newsmagazine* que sucedeu às “ilustrações” e às restantes revistas ilustradas do final de Oitocentos e princípio de Novecentos, daí a sua importância para a história do jornalismo português. De facto, embora não tendo a longevidade d’*O Ocidente*, a *Branco e Negro*, sem renegar uma matriz editorial cultural e literária que correspondia às expectativas do seu público-alvo (as elites intelectuais do país), incorporou a cobertura gráfica de assuntos e acontecimentos da atualidade coeva, incluindo casos de polícia, tragédias, exercícios militares, visitas de cortesia de esquadras estrangeiras, aquisição e lançamento à água de novos navios de guerra portugueses (incluindo o célebre couraçado Adamastor), demonstrações políticas (compreendendo as manifestações do 1.º de Maio), acontecimentos políticos, festas populares e romarias, festas da sociedade, inauguração de estabelecimentos de saúde e de fábricas, funerais de pessoas ilustres, entre outros temas. Nas suas páginas desfilaram, igualmente, retratos de notáveis da época, portugueses e estrangeiros, abarcando estadistas e figuras reinantes, mas também artistas plásticos, escritores, atores de teatro e músicos.

Cada número da *Branco e Negro* vendia-se por 40 réis (mais tarde, 50 réis). A sua organização era comum a outras revistas da mesma época: capa; páginas de publicidade; miolo (a revista propriamente dita, com outra capa na primeira página), com rubricas constantes; mais páginas de publicidade; e contracapa.

No último número, o 104, datado de 27 de março de 1898, a capa continha um estudo de uma cabeça feminina para um quadro de Seifert. Seguiu-se o verso da capa com publicidade. O miolo abria com a primeira página do número, ornada com uma gravura sobre os barcos típicos do rio Tejo, os Varinos, da autoria de João Armando Pedroso.

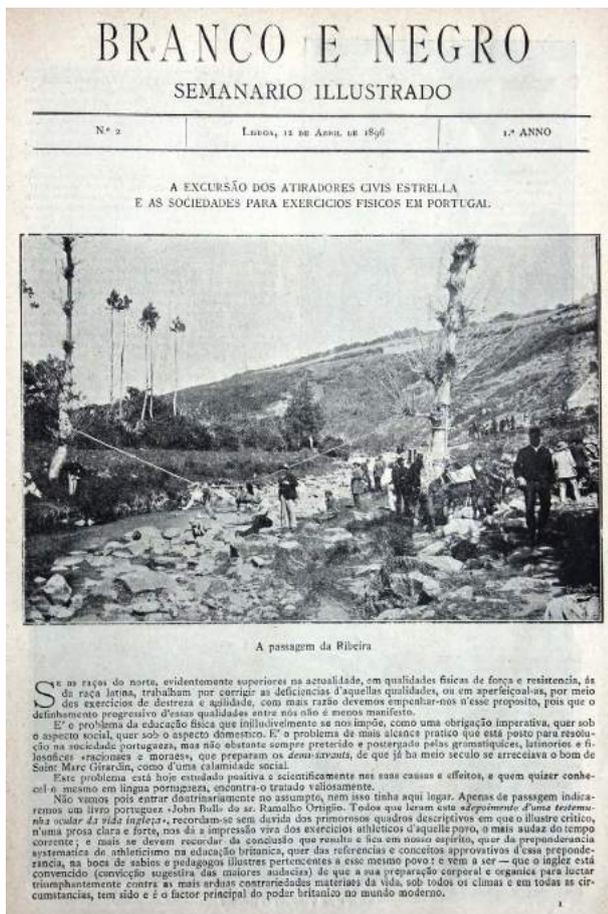


Figura 3
 Capa do segundo número da *Branco e Negro*.
 Fonte: reprodução do original



Figura 4
 Capa do primeiro número da revista *Brasil-Portugal*.
 Fonte: reprodução do original

A revista que se segue, cronologicamente, foi a *Brasil-Portugal*, que haveria de cruzar toda a primeira década do século XX, encerrando já na I República. Surgiu a 1 de março de 1899. Foi fundada pelo político e militar Augusto de Castilho e nela colaboraram o crítico teatral Jaime Vítor, o publicista e dramaturgo José Lorjó Tavares, o almirante Augusto de Castilho e João de Vasconcelos. Após a morte do fundador, em 1912, a revista somente resistiu mais dois anos. Apresentava-se ao público com 16 páginas regulares, paginadas a duas colunas, mais quatro de suplemento (que nem todos os números tiveram), correspondendo a um total de vinte páginas. As páginas mediam cerca de 24 x 35 cm, correspondendo a uma superfície de cerca de 840 cm², sendo paginadas a duas colunas. Vendia-se, o número, por 400 réis, mas a assinatura anual ficava somente por 7000 réis.

No texto de apresentação, a revista afirmava querer “tornar o Brasil conhecido em Portugal” e “tornar Portugal conhecido no Brasil”, congregando contributos de ambos os países.

As paisagens, os monumentos, as personalidades, as fábricas, os aspetos de cidades e vilas que forem aparecendo em todos os números lembrarão (...) o Brasil a Portugal e Portugal ao Brasil. Os nossos pintores de nome atravessarão estas páginas (...). A fotografia irá buscar aos salões artísticos, aos aposentos de trabalho dos homens ilustres, às casas sumptuosas e aos *ateliers* dos artistas o que mais interesse o bom gosto e a estética (*Brasil-Portugal*, n.º 1, 1 de fevereiro de 1899, p. 2).

Como outras revistas ilustradas, a *Brasil-Portugal* abordou uma grande diversidade de assuntos da atualidade. Mas foi ela a primeira revista portuguesa a dar um grande destaque ao desporto, especialmente numa rubrica regular intitulada “Notas de Sport”. Hipismo, vela, remo, tiro, ténis, esgrima, atletismo, automobilismo e motociclismo foram algumas das modalidades que desfilaram pelas páginas da revista. A *Brasil-Portugal* foi, também, uma das primeiras revistas portuguesas a não restringir o espaço feminino ao mundo da moda ou à publicação de poemas e de outras pequenas obras literárias.

No primeiro dia do mês de fevereiro de 1914 foi lançado o último número da revista, numericamente correspondente ao número 361, com 16 páginas. Curiosamente, no último número da revista *Brasil-Portugal* nada transparecia sobre o seu próximo fim:

São decorridos 15 anos desde que o *Brasil-Portugal* pela primeira vez viu a luz (...). Ao entrarmos no 16.º ano, não é sem (...) orgulho que, olhando para o caminho já percorrido, nos dispomos a continuar a jornada, com a certeza de que nos acompanharão (...) as simpatias de todos os nossos leitores e a colaboração (...) de muitos amigos (*Brasil-Portugal*, n.º 361, 1 de fevereiro de 1914, p. 2).

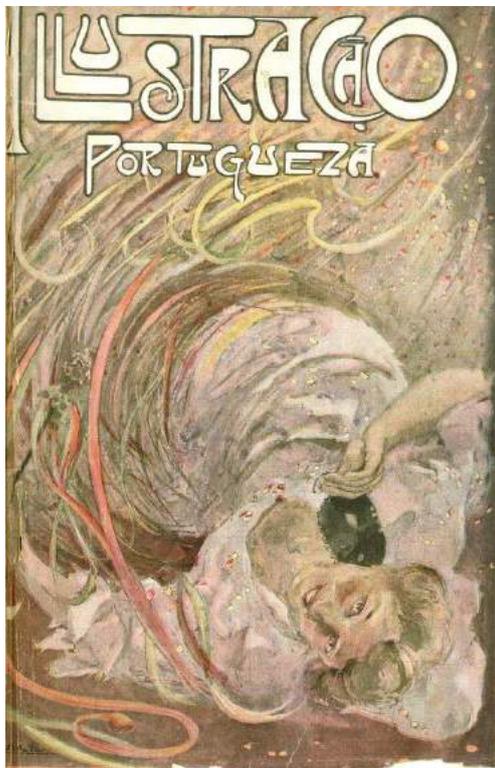
A última, mas também a mais importante, publicação a descrever neste estudo é a *Ilustração Portuguesa*, segunda revista que com este título circulou em Portugal.

A revista semanal *Ilustração Portuguesa* surgiu, a 9 de novembro de 1903, no seio da empresa do jornal *O Século*, de Silva Graça. Vendida nas bancas por cem réis cada número, teve duas séries. A primeira começou em 1903 e terminou com o número 119, datado de 12 de fevereiro de 1906; a segunda série começou, provavelmente, a 26 de fevereiro de 1906. Embora os dois primeiros números desta série não sejam datados (o número 3 da segunda série é o primeiro datado, tendo sido publicado a 12 de março de 1906), sabe-se que os dois números não datados serão de 26 de fevereiro e de 5 de março, já que a revista anunciou, no número de 12 de fevereiro, que voltaria às bancas, para a segunda série, no dia 26 deste mês. Por isso, é de supor que na segunda-feira, 19 de fevereiro, a revista não terá sido publicada.

Impressa a três colunas, a *Ilustração Portuguesa* tinha, normalmente, 16 páginas, de grande formato (24,4 x 37,2 cm). Foi, como outras revistas similares, planeada para ser colecionada em volumes semestrais, já que a numeração de páginas, de número para número, é sequencial. Na segunda série, as dimensões da *Ilustração Portuguesa* reduziram-se substancialmente, para um formato aproximado de 18 x 28 cm. Mas a revista passou a ter 32 páginas e capas coloridas.



Figura 5
 Capa do primeiro número da Ilustração Portuguesa
 Fonte: reprodução do original



Figuras 6 e 7
 Capa do primeiro e terceiro números da segunda série da Ilustração Portuguesa
 Fonte: reproduções dos originais

A *Ilustração Portuguesa* foi publicada, semanalmente, até 12 de abril de 1924, número no qual inseriu o seguinte aviso aos assinantes e leitores: “A fim de proceder a uma completa remodelação dos respetivos serviços, no sentido de os desenvolver e melhorar, a *Ilustração Portuguesa* suspende, temporariamente, a sua publicação com o presente número”.

A publicação da *Ilustração Portuguesa* não foi, contudo, interrompida. A revista passou a ter periodicidade semestral, nem sempre regular, que manteve, para garantia de título, até 1980. Depois ainda foram publicados alguns números ocasionais, também para manutenção legal do título, até 1993. Mas depois de 1924 a *Ilustração Portuguesa* já não era a “verdadeira” *Ilustração Portuguesa* que conquistou reputação e um lugar destacado na história do jornalismo português e das revistas ilustradas de atualidades. A reportagem, nos números posteriores a abril de 1924, passou para segundo plano e, quando surgiu, centrou-se nas atividades do poder, em particular depois da implantação da Ditadura Militar, em 1926, e do Estado Novo, em 1933. Temas relevantes da atualidade internacional, como a Guerra Civil de Espanha ou mesmo a II Guerra Mundial foram quase ignorados pela revista.

A *Ilustração Portuguesa* foi, ao tempo, uma revista inovadora em Portugal. Os textos afastaram-se, decididamente, da pompa literária em que o periodismo português foi pródigo durante o século XIX. O papel *couché* em que era impressa nunca tinha sido usado no país. O design era mais arrojado do que o das revistas suas predecessoras e concorrentes. Ancorado nas imagens, rompeu com alguns dos formalismos anteriores, mas também seguiu alguns dos cânones dominantes da expressão gráfica à época, como o embelezamento de fotografias com molduras evocativas das pinturas. As capas do início da segunda série, coloridas e graficamente dinâmicas, eram muito diferentes das capas dos números da primeira série, ancoradas numa ilustração de grande dimensão. Com o tempo, as capas tornaram-se mais modernas, até porque, a partir de julho de 1920, a *Ilustração Portuguesa* teve de competir com a mais sofisticada revista *ABC*, dirigida por Rocha Martins, antigo diretor da primeira.

A fotografia de reportagem de atualidades teve lugar de destaque na segunda série da *Ilustração Portuguesa*, mas não é menos verdade que a revista também cultivou a fotografia descritiva documental (monumentos, paisagens, animais e plantas, etnografia), de pendor informativo e testemunhal, e a fotografia pictorialista, frequentemente naturalista, correntes estéticas acarinhadas por muitos dos fotógrafos “artísticos” portugueses da viragem do século XIX para o XX. De qualquer modo, a *Ilustração Portuguesa* tornou-se o palco nacional privilegiado para o desenvolvimento da fotografia de atualidades, nomeadamente da fotorreportagem, no país, muito embora se deva reconhecer, nesta matéria o pioneirismo das revistas ilustradas que a precederam, casos, nomeadamente de *O Ocidente* (embora só no século XX), da *Branco e Negro* e da *Brasil-Portugal*. Foi, pois, nessas revistas que efetivamente, pela primeira vez, se assistiu, em Portugal, não apenas à subordinação do texto verbal às imagens, em várias peças, como também à intensificação da reportagem ilustrada com fotografias.

A fórmula que a revista seguiu na segunda série logrou sucesso, pois logo aí a tiragem subiu para 11170 exemplares.

Por ocasião do final do primeiro semestre da 2ª série (n.º 23, de 30 de julho de 1906), a *Ilustração Portuguesa* já atingia uma tiragem de 15 mil exemplares, vendidos ao preço de 100 réis por exemplar.

Por alturas da Grande Guerra (1914-1918), a *Ilustração Portuguesa* atingiu a sua máxima tiragem: mais de 25 mil exemplares. Paradoxalmente, o aumento da tiragem foi visto com preocupação. No número de 2 de maio de 1917, explicava-se que o papel estava quatro vezes mais caro e que o zinco para a fotogravura estava seis vezes mais caro, pelo que o aumento das tiragens que a *Ilustração Portuguesa* registava não era motivo de celebração.

Pode, finalmente, afirmar-se que a publicação que melhor corporizou, em Portugal, no primeiro quartel do século XX, o conceito de *revista ilustrada de informação geral* foi a *Ilustração Portuguesa*.

As revistas na I República ***ABC — Revista Portuguesa***

A primeira revista ilustrada de informação geral da I República, a *ABC — Revista Portuguesa*, foi fundada por Mimon Anahori e Rocha Martins e teve a publicação de seu primeiro número em 15 de julho de 1920 e o último à data de 24 de setembro de 1931. Após 1931, ainda foram publicados vários números para garantia de título, sendo que o último se deu em março de 1940. No âmbito da *ABC* lançaram-se mais duas revistas, a *ABC-zinho*, uma revista infanto-juvenil publicada em Lisboa entre outubro de 1921 e setembro de 1932, e a revista semanal de atualidades com característica satírica-humorística, *ABC a Rir*.

Assim, *ABC — Revista Portuguesa* surge como uma revista da I República, de periodicidade semanal, com 33 páginas, escrita maioritariamente em duas colunas, que saía à quinta-feira (trazia na sua capa interna “As quintas feiras leituras ilustradas para todos — Revista Portuguesa”), impressa em preto-e-branco, porém com capa e contracapa colorida.

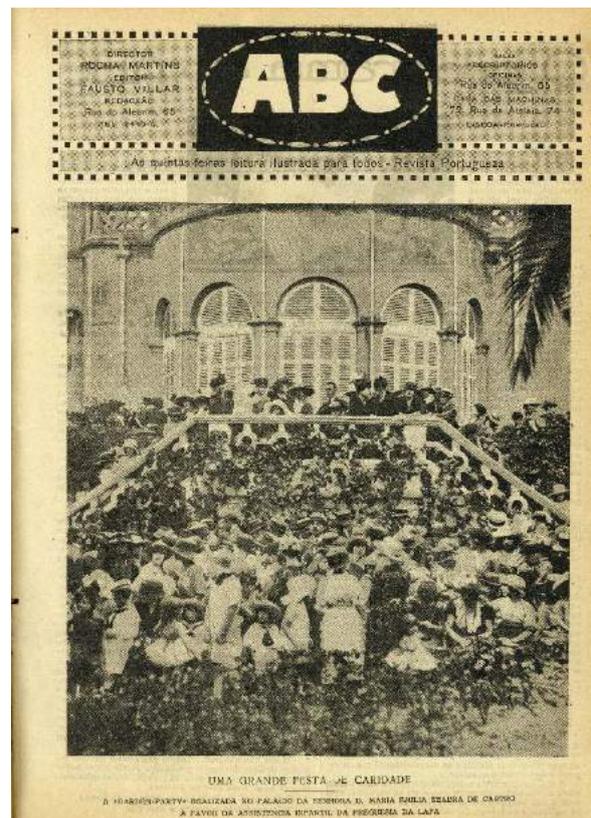
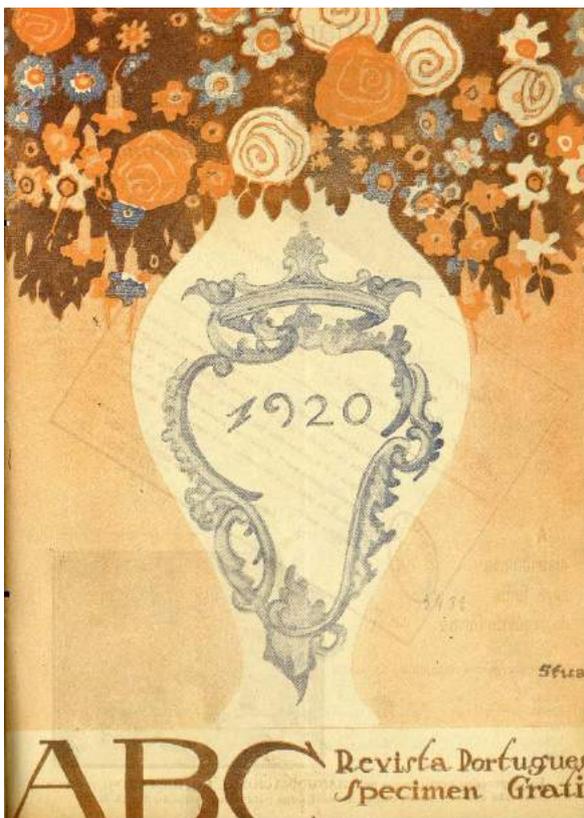
Enquanto a revista teve outros editores, Rocha Martins permaneceu na *ABC* como diretor-fundador até à publicação deixar de existir, inclusivamente, exercendo uma participação muito ativa na produção de peças. É ele quem, a partir de 2 de abril de 1931 assina os textos de página inteira da secção “A Abrir”, na primeira página da revista, onde abordava assuntos diversos que iam desde factos históricos a reflexões sobre experiências pessoais.

A nível gráfico, a revista *ABC* distinguiu-se pelas capas coloridas, quase sempre compostas por uma ilustração ou fotografia e um título. As ilustrações traziam sempre a assinatura de seus autores, alguns dos melhores artistas gráficos modernistas portugueses, como Stuart Carvahais (que também colaborou com outras publicações, como a *Ilustração Portuguesa* e a

Ilustração) e, principalmente, Jorge Barradas e Emérico Nunes. O *layout* variava, tal como o logótipo, de número para número.

No seu número 1, a revista trazia uma nota com informações sobre a tiragem da edição gratuita, de que forma ela foi distribuída e quais eram os objetivos a serem alcançados junto ao público. Portanto, a revista *ABC* fazia a sua primeira campanha publicitária de autopromoção com a finalidade de apresentar-se e conquistar os portugueses, impulsionando as vendas de exemplares e assinaturas e, ao que consta, teria atingido esta meta, sendo desde o início um sucesso.

Imprimimos 93.714 exemplares, *specimens*, que foram distribuídos gratuitamente por pessoas de todas as classes sociais. Cada exemplar levou incluído um impresso-postal em que pedíamos que nos devolvessem a parte do boletim com uma resposta, se sim ou não os destinatários desejavam assinar o *ABC*. O êxito do *ABC* (revista portuguesa) foi muito além do que podíamos esperar, excedeu todos os cálculos, ultrapassou a melhor expectativa. (*ABC*, 15 de julho de 1920).



Figuras 8 e 9
Capa e capa interior da edição gratuita da revista *ABC*
Fonte: Reproduções do original

Uma característica em que a revista *ABC* se destacava das demais revistas deste mesmo período é o facto de trazer muitas peças assinadas. Isso reforça a importância dos colaboradores e jornalistas que trabalharam na *ABC* ao longo de toda a sua existência. A revista tinha, assim, um especial interesse em tratar de assuntos ligados aos trabalhadores, pois, para além de dedicar uma secção exclusivamente a essa temática, tratava deste assunto um pouco por todos os números. A título de exemplo, poderíamos citar, na revista número 1, as páginas com o título “A força que se aniquila” e “A fraqueza que labuta”. Nessa última, a peça critica o facto de existirem crianças que trabalham nas ruas, ao dizer que:

Há em Portugal uma infância que trabalha e que se devia aproveitar talvez mais utilmente; há entre nós boas vontades que se devem dirigir, inteligências que desabrocham e seria necessário um trabalho de assistência e seleção para dar a devida recompensa a esses pequenos heróis da cidade que tão estranhamente contrastam com os criminosos que tomam com sua inércia as praças públicas (*ABC*, 15 de julho 192, p. 17).

Ademais dos diretores, todos do sexo masculino, a *ABC* possuía um número impressionante de colaboradores também homens, 92, que identificou com retratos fotográficos, na edição gratuita.

Neste ambiente masculino, a revista contava ainda com 12 colaboradoras identificadas com fotos, entre poemas, também na edição gratuita. Nota-se, desde a publicação gratuita, que a *ABC* tinha um especial cuidado em conquistar o público feminino ao dedicar nas suas páginas um espaço significativo a temáticas que interessassem às leitoras ou fazendo na sua primeira publicação, uma referência à importância das mulheres para a reconstrução da sociedade portuguesa. Para além de ter mulheres como colaboradoras, possuía pelo menos quatro secções dirigidas exclusivamente a elas — “Modas”, “Confidências femininas do *ABC*”, “Histórias das futilidades femininas” e “Grafologia”.

Dada a importância que a iconografia possuía na *ABC*, as fotografias estavam, em grande medida, identificadas com legendas e autoria e, muitas vezes, também traziam a seguinte informação: “fotografia tirada expressamente para o *ABC*”. Assim, foi possível identificar alguns fotógrafos (fotojornalistas) e empresas fotográficas, os responsáveis pelos “clichés”¹ que colaboraram com mais frequência com a revista *ABC* como foi o caso de Fotografia Bobone, Álvaro Martins (fotógrafo da *ABC* no Porto), Maurice (correspondente da *ABC* em Paris), Gambeta, Menezes, Central News, Felix Barbosa, Benoliel.

Podemos afirmar, portanto, que o que distinguia esta revista das demais publicações similares da época era a importância que dava à iconografia e às artes gráficas, mas também

1 Na época, emprega-se o nome “cliché” para designar as fotografias.

o facto de ter uma maior variedade de temáticas, como é o caso das secções dedicadas a assuntos financeiros, à agricultura e à veterinária, algo que as outras revistas nascidas na I República — *Domingo Ilustrado* e *Ilustração* — não possuíam.

O estilo de narrativa da revista *ABC* era bastante eclético, mas tinha como principal género jornalístico a notícia, apesar de recorrer, muitas vezes, à reportagem e a artigos de opinião.

Em 1926, Portugal passava por um período de grande agitação política e social, pois a crise económica atingia, principalmente, as classes mais desfavorecidas, que enfrentavam grandes dificuldades de subsistência. Isso trouxe como consequência uma nova revolução. A 28 de maio de 1926, um movimento militarista, nacionalista e antiparlamentar colocou fim à I República Portuguesa, levando à implantação da Ditadura Militar. Dentre todas as secções que a *ABC* possuía, nenhuma era dedicada exclusivamente a assuntos políticos. Apesar de tratar desta temática, a revista sempre o fez de maneira discreta, principalmente na secção “Atualidades” onde trazia as fotonotícias, especialmente atos oficiais relacionados com a Presidência da República. Entretanto, podemos afirmar que a política ganhou as primeiras páginas da *ABC* a partir de 3 de junho de 1926, quando trouxe a fotografia do general Gomes da Costa, que assumira a chefia do movimento da revolução militar em Portugal.

A cobertura dos acontecimentos relacionados com a nova forma de governo estendeu-se ao longo do tempo e a temática “militar” passou a figurar em definitivo nas páginas da *ABC* em várias vertentes como, por exemplo, nas peças “Depois da revolução a farda voltou a ter o culto do amor” (*ABC*, 1 de julho 1926, pp. 18-19) ou “A história do movimento militar pelo Repórter X” (*ABC*, 8 de julho 1926, pp. 20-21). Mesmo com todo o apoio que a revista demonstrava àqueles que estavam no poder, a *ABC* não escapou ao controlo apertado dos militares. A partir de 1 de julho 1926, a revista passa a trazer em sua capa interior o aviso de que “Este número do ‘*ABC*’ foi visado pela comissão de censura”, que permaneceria em todas as edições até à extinção da publicação.

No dia 24 de setembro de 1931, a *ABC* saiu de circulação. Nesse dia, a revista dirige-se aos seus leitores com a promessa que a suspensão da publicação seria por um tempo limitado e justifica esse facto a dificuldades económicas que o periódico passou ao longo dos onze anos de existência, apesar do grande sucesso inicial. A promessa, assim, foi a de que seria substituída por um futuro jornal diário, “moderno, vivo, leve” e que traria o mesmo nome da revista, o *ABC*, e que apareceria assim que as circunstâncias o permitissem. A revista, portanto, não diz adeus, mas um “até breve” aos seus leitores, mas a verdade é que estas circunstâncias ideais nunca se apresentariam, visto que a publicação nunca viria a reexistir.

O Domingo Ilustrado

O Domingo Ilustrado foi uma revista publicada em Lisboa, entre janeiro de 1925 e dezembro de 1927 e, como o seu próprio título diz, saía ao domingo. Na época, o conceito de revista ainda não estava solidificado, o que fazia com que *O Domingo Ilustrado* se autorreferenciase como jornal ou jornal-revista, apesar de, conceptualmente, possuir características que hoje nos permitem identificá-lo como revista. Assim, *O Domingo Ilustrado* nasce como uma revista, de periodicidade semanal, impressa em papel de baixo custo (papel de jornal).

O primeiro número, no dia 18 de janeiro de 1925, traz o título *O Domingo Ilustrado: notícias & atualidades gráficas, teatros, sports & aventuras, consultórios & utilidades*. Prometeu ser um “jornal para toda a gente” e divulgar os seus conteúdos de forma diversificada, “alguma coisa mais do que a reportagem diária da rua” (*Domingo Ilustrado*, 18 de janeiro de 1925, p. 2) que girava, principalmente, ao redor da política e da sociedade.

Todas as capas e contracapas de *O Domingo Ilustrado* traziam gravuras que representavam um aspeto da atualidade portuguesa. No primeiro número, pode-se ver-se, na capa, uma cena em preto-e-branco com pinceladas de vermelho, onde um grupo de rapazes, vindos da zona rural do país e usando trajas típicas, chegavam a Lisboa para se alistarem no serviço militar. Por sua vez, a contracapa aponta para os problemas relacionados com a pobreza



Figuras 10 e 11
Capa e contracapa do primeiro número de *O Domingo Ilustrado*
Fonte: Reproduções do original

extrema da classe operária. Com o título “A Parada da Fome”, a gravura representa um grupo de operários que pedem pão e emprego. Esta cena retrata a instabilidade política e uma gestão governamental que fez aumentar a dívida externa de Portugal, trazendo como consequência um aumento do custo de vida em cerca de trinta vezes entre 1914 e 1925 (Lúcio & Marques, 2010) e que deixou vulnerável grande parte da população.

Mesmo com um número relativamente pequeno de páginas, a revista conseguia cobrir várias temáticas, certamente, com o objetivo de atrair a atenção e suprir as exigências de um número máximo de leitores com diferentes gostos, géneros, idades e que poderiam fazer parte de diferentes classes sociais, mas, principalmente as letradas e urbanas. Tal como outras revistas da mesma época, *O Domingo Ilustrado* foi uma publicação que convidava à coleção e encadernação, a fim de ser conservada.

O Domingo Ilustrado, portanto, surge de forma modesta, consciente das suas limitações, mas com grandes promessas de tornar-se tão necessário para o povo português como a “iluminação, a viação e o correio” (*O Domingo Ilustrado*, 18 de janeiro de 1925, p. 2). Com intenções de manter-se longe dos assuntos polémicos, especialmente aqueles relacionados com a política. Mas a verdade é que esta postura neutra não se confirma, até porque desde o seu lançamento, em 1925, até a sua extinção em 1927, Portugal passou por um período de grande agitação política e social que culminou no golpe militar de 28 de maio de 1926. A instauração da Ditadura viria a modificar, enormemente, vários aspetos da vida dos portugueses e *O Domingo Ilustrado* não teve, perante as circunstâncias, uma postura absorta.

Também como estratégia de consolidação junto ao público português, *O Domingo Ilustrado* sempre teve como objetivo fazer com que os seus leitores participassem, de alguma forma, na produção de seus conteúdos, dirigindo-lhes diretamente as seguintes palavras:

Aos leitores: A todos os nossos leitores pedimos que mantenham com este jornal um mínimo contacto. Sempre que uma correção lhes pareça precisa, que um alvitre pareça oportuno, venham até nós, na certeza de que esta folha é de todos os que nos leem, mais do que de quem a dirige (*O Domingo Ilustrado*, 25 de janeiro 1925, p. 2).

Também com o objetivo de dialogar com o leitor, tornar-se mais moderna e atrair a atenção do público, *O Domingo Ilustrado* tinha por costume promover concursos, como o de 31 de maio de 1925, que elegeu as atrizes de teatro mais bonitas, e um outro que deu ao guarda-redes do Sport Lisboa e Benfica, Francisco Vieira, o título de melhor jogador de futebol português.

Apesar de não termos informações sobre a sua tiragem, *O Domingo Ilustrado* passou a trazer no topo de sua capa, desde 31 de maio de 1925, ou seja, cerca de quatro meses depois do seu lançamento, a informação de que teria “A maior tiragem de todos os semanários portugueses”. Contudo, mesmo com todo este aparente sucesso comercial, ao final de quase três anos, no último domingo de 1927, no dia de Natal, *O Domingo Ilustrado* publicou o seu último

número, com a promessa de que não fecharia as portas, mas sim de que daria lugar a um outro semanário, mais moderno. Esta nova publicação seria a revista *Notícias Ilustrado*, lançada em março de 1928, propriedade do *Diário de Notícias* e cujo diretor era Leitão de Barros. Assim, dirige-se ao leitor pela derradeira vez:

Aos nossos queridos leitores devemos uma explicação. *O Domingo Ilustrado* que tem cumprido a sua missão jornalística de cerca de três anos, e que mercê de uma já indiscutível simpatia da parte do público vem brevemente cessar a sua publicação. Mas não fechará as portas. Dará lugar a sua ausência, ao aparecimento de outro jornal — mais moderno, mais europeu, mais adequado a um país que, como o nosso, vive uma ansiosa hora de ressurgimento e de vontade de vencer (*O Domingo Ilustrado*, 25 de dezembro 1927, p. 2).

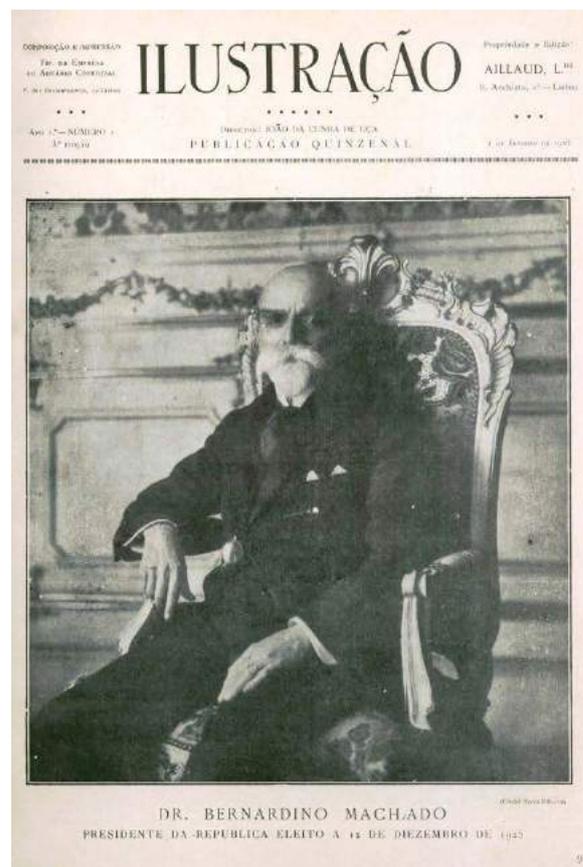
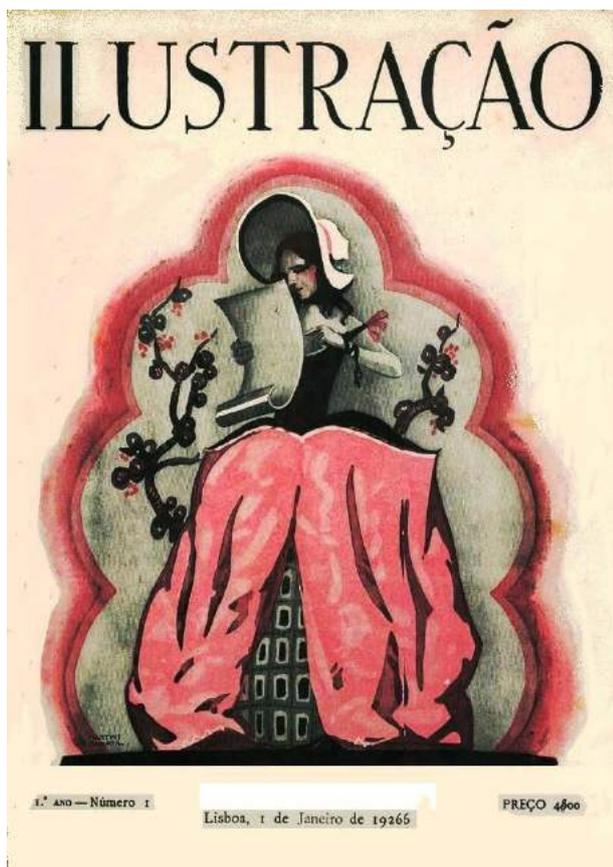
Apesar de não podermos apontar exatamente o motivo pelo qual fecha as suas páginas ao público, a verdade é que os portugueses já tinham a opção de escolher revistas mais refinadas, com conteúdos mais diversificados e uma abordagem visual mais apelativa. Esse tipo de publicação já estava a tornar-se habitual em outros países da Europa, mas também já em Portugal, como é o caso da *Ilustração*, de que trataremos a seguir.

A Ilustração

Lançada em janeiro de 1926, mesmo a tempo de ainda ser considerada uma revista nascida na I República (embora menos uma revista *da* I República), a *Ilustração*, de periodicidade quinzenal, luxuosa, impressa em papel *couché*, distinguiu-se pela cobertura de atos oficiais e de outros assuntos da atualidade nacional e estrangeira sob a forma de fotonoticiário. Apresentava-se com uma capa colorida exterior, seguida por um caderno de publicidade, conforme era comum à época, e uma capa a preto-e-branco interior, a que se seguiam as diversas matérias. As últimas páginas também eram reservadas à publicidade, frequentemente a iniciativas editoriais da Aillaud/Bertrand. Apesar de prevalecerem três colunas, o design não tinha número de colunas fixas. O número de colunas alterava-se em função das imagens ou outras variáveis, o que daria uma sensação de dinamismo e modernidade ao leitor coevo.

Desde o seu lançamento, a *Ilustração*, como era comum na época, teve um pequeno número de mulheres colaboradoras,

No primeiro número da revista, na secção “Feminina”, a *Ilustração* traz uma peça com o título “Cores e silhuetas modernas” e inicia-se com uma linguagem poética, onde se lê: “Moda! — capricho dum instante que a mais branda aragem da fantasia deturpa, contorce, transforma, utilizando-o em mil modalidades cintilantes de originalidade, de inédito, de... excentricidade...” (*Ilustração*, 1 de janeiro de 1926, p. 18).



Figuras 12 e 13
 Capa externa e interna do primeiro número da revista *Ilustração*
 Fonte: Reproduções do original

Esse tipo de temática foi aos poucos dividindo lugar com outros assuntos, também em outras secções da revista, que davam à mulher uma maior relevância na sociedade como é o caso, por exemplo, de uma peça do dia 6 de maio de 1927, assinada por Helena de Aragão, com o título “A mulher no lar e na ciência”. Nesta peça percebemos como a revista *Ilustração* foi também um meio importante para estimular discussões e questionamentos sobre o papel da mulher na sociedade, em defesa da conquista de direitos civis e de igualdade de direitos entre géneros.

No início, a *Ilustração* intitulava-se “A revista portuguesa de maior tiragem e expansão” e terminou os seus dias como “A grande revista portuguesa”, um sinal de que, apesar de todas as dificuldades, revista tentava manter uma posição de destaque entre as publicações. Tendo durado até ao número de 16 de dezembro de 1939, pode dizer-se que a revista teve bom acolhimento junto do público. A verdade é que Cunha Eça tinha razão. Terá sido, principalmente, a crise do papel a condenar a *Ilustração* ao desaparecimento, devido ao racionamento e aos constrangimentos nos abastecimentos provocados pela II Guerra Mundial. Talvez três razões estejam na base do sucesso editorial da publicação: a boa relação qualidade-preço; a aposta na informação “neutral”, no contexto da qual a foto-informação era privilegiada,

o que lhe dava uma mais-valia mercadológica; e o facto de se apresentar como um produto novo, apetecível e alinhado com o seu tempo.

A revista termina o último número *Ilustração* dirigindo-se “aos leitores, assinantes e amigos” nos seguintes termos:

Suspende, com este número, a publicação da *Ilustração*. Circunstâncias várias — como o encarecimento das gravuras, 50% de aumento, o agravamento do preço e a dificuldade de obter o papel *couché*, que se não fabrica em Portugal, forçaram a administração desta revista a tomar esta resolução. Reaparecerá quando a anormalidade que o mundo atravessa o permitir. Entretanto endereçamos a todos os nossos assinantes, anunciantes e colaboradores, o nosso sincero agradecimento pelo auxílio e pelos obséquios que nos dispensaram durante 14 anos decorridos da *Ilustração* (*Ilustração*, 16 de dezembro de 1931, p. 29).

Referências bibliográficas

- Correia, R. Fichas históricas de: *Branco e Negro: Semanário Ilustrado* (2012); *O Branco e o Negro. Revista Semanal Ilustrada para Portugal e Brasil* (2012); *Brasil-Portugal* (2009); *O Domingo Ilustrado* (2007); *Ilustração* (2009); *A Ilustração Luso-Brasileira: Jornal Universal* (2008); *Ilustração Portuguesa* (2009); *A Ilustração Portuguesa: Semanário: Revista Literária e Artística* (2012); *Jornal do Domingo: Revista Universal* (2007); *O Ocidente* (2008, atualizada em 2012); *O Panorama* (2012); *Serões* (2012); *Revista Universal Lisbonense* (2006). <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/index.htm>
- Correia, R. (2009). Ficha histórica de *Ilustração*. <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/Ilustracao.pdf>
- Correia, R. (2007). Ficha histórica de *Domingo Ilustrado*. <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/DomingoI.pdf>
- Leitão, J. A. (2011). *Ilustração fotográfica: a fotografia e a revista Ilustração Portuguesa (1903-1924)*. <http://imagens-darepublica.ipt.pt/wp-content/uploads/2011/05/Ilustra%C3%A7%C3%A3o-Fotogr%C3%A1fica1.pdf>
- Lúcio, J. e Marques, F. (2010). *A Pobreza em Lisboa na I República*. https://observatorio-lisboa.eapn.pt/ficheiro/A_POBREZA_EM_LISBOA_NA_I_REPUBLICA_VERSAO_FINAL1.pdf
- Sousa, J. P. (2017). *Veja! Nas origens do jornalismo iconográfico em Portugal: um contributo para uma história das revistas ilustradas portuguesas (1835-1914)*. Media XXI.